

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral investigar construções figurativas em raps brasileiros da última década. O resultado dessa investigação nos valeu, primeiro, a constatação de que o corpus deste trabalho é rico tanto de figuras fossilizadas, – o que já era de se esperar devido à concepção de linguagem aqui defendida – como de figuras mais inusitadas, deslocadas, ressignificadas. Para essa primeira tarefa adotei tanto o aparato teórico de Turner (1996), Lakoff (1993), Lakoff e Johnson (2002), como as categorias de figura propostas por Reboul (2004).

Essa necessidade de reunir teóricos com compreensões tão diferentes sobre o alcance da construção figurativa na linguagem iluminou, de certo modo, a polêmica de que trata Eco (1994) sobre a metáfora ser um fenômeno *fundado* ou *fundante*. O foco restrito à função das figuras de gerar surpresa e estranhamento pretere seus usos mais ordinários, cristalizados. Por outro lado, ao se considerar a metáfora como fenômeno *fundante*, corre-se o risco de negligenciar a singularidade e a irredutibilidade das construções figurativas.

Atenta a essa polêmica e em defesa da metáfora como fenômeno *fundante*, a presente dissertação mostrou, contudo, que as construções figurativas podem e devem ser investigadas na tensão que se estabelece entre suas instâncias mais convencionais e menos convencionais. As figuras fossilizadas garantem efeitos de neutralidade e objetividade para o seio das línguas, mas não deixam de indicar uma série de predileções culturais e de se oferecer como material lingüístico para ressignificações. Os fatos de as figuras constituírem a linguagem ordinária e estruturarem nossa compreensão do mundo e nossas formas de agir não devem diminuir a percepção de que, por mais enraizadas que estejam são apenas modos de compreender o mundo, não de captura integral deste.

A revisão bibliográfica sobre hip-hop e *rap* mostrou que ambos são considerados modos políticos e persuasivos de se expressar, porque, dentre outras coisas, investem deliberadamente contra o sistema dominante, reivindicam direito e reparação social, defendem a valorização da cultura popular, dos negros e pobres. Pela observação do *corpus*, como já se disse, viu-se que essas linguagens

políticas e persuasivas se estruturam a partir de um jogo entre figuras cristalizadas e novas, tensão entre retóricas implícitas e explícitas.

Alimentando a retórica inerente à língua, nas letras analisadas, verificaram-se, por exemplo, construções metafóricas convencionais *ontológicas*, *orientacionais* e *estruturais*, Em investimentos retóricos mais explícitos, foram vistas várias estratégias de ressignificação de figuras cristalizadas, além de figuras mais inusitadas algumas das quais, bastante “insolentes”, por assim dizer; outras bem menos subversivas.

Em síntese, a linguagem do rap na última década, assim como representada no *corpus* analisado, dá mostras de uma tensão entre uma retórica implícita na língua e uma retórica mais explícita, manifesta, sobretudo, na desestabilização e ressignificação de figuras cristalizadas e na criação de figuras novas, mas também nos próprios padrões recorrentes de estruturação das letras como um todo.

Sobre este último ponto, constatou-se um acentuado hibridismo tanto no que diz respeito aos *tipos* quanto no que tange aos *gêneros* textuais que compõem o tecido das letras analisadas. Alternam-se ali, em uma espécie de “colagem”, seqüências narrativas, argumentações, descrições, injunções, e assim por diante. Além disso, o próprio gênero *letra de rap* configura-se como mescla de muitos gêneros: pesquisa estatística, boletim de ocorrência, reportagem, defesa pública, conversa informal, narrativa policial, adivinhação, dentre outros. Trata-se de um padrão eclético e cambiável de construção retórica, que condiz com a percepção de muitos estudiosos acerca da propensão pós-moderna da estética do rap de um modo geral – sua resistência a reduzir-se a uma identidade estilística única. O deslizamento na estruturação retórica tem, entre outros efeitos, o da desconstrução de identidades estereotipadas associadas aos espaços sociais em tensão, em benefício de uma percepção de subjetividades menos bem definidas, mais voláteis, que ora se contrapõem, ora se confundem.

Considerado que o objetivo específico desta dissertação foi determinar o valor das construções figurativas como elemento de (des)construção identitária, podemos dizer que as construções figurativas, nos raps nacionais da última década, confirmaram-se como recursos linguísticos sensíveis à pós-modernidade. Concluímos que as figuras têm a ver com os modos como a sociedade brasileira constrói a si mesma lingüisticamente, como os rappers corroboram ou contestam essas construções, como se potencializam novas diferenciações e identidades.

As construções figurativas analisadas hesitaram entre a desestabilização e o reforço de categorias identitárias estabelecidas: a análise dessas construções trouxe, pois, elementos para confirmar seu valor como elementos de (des)construção identitária. A obsessão pelo *trocadilho*, os contrastes estabelecidos por metonímias e sinédoques, sobretudo ligadas a objetos e personalidades simbólicos dos universos sociais sempre em tensão, as metáforas, alegorias e ironias que geram no ouvinte pouca ou muita indecisão de sentido, tudo isso nos faz experimentar como que um “ataque cardíaco no verso”, para ficar com os Racionais MCs –a “corda bamba” das periferias e favelas brasileiras alcança o corpo da linguagem: as figuras se mostraram desafiadoras, perturbadoras, exigiram decisões interpretativas nada fáceis, suspenderam-nas no mais das vezes. Essas figuras favorecem, então, inversão ou transformação de identificações sociais essencialistas, contrapondo sentidos e impactando o que havia de estável linguística e culturalmente.

O que se constatou na análise do *corpus*, em suma, foi que as construções figurativas são fenômenos tanto centrais, quanto marginais na linguagem, que duelam entre estabilizar e desestabilizar o sentido. A metáfora também é “malandra”, capaz de atender anseios discursivos mais gerais e mais específicos, perambula no que há de mais inescapável na língua e em domínio peculiar da língua. Deste modo, borram-se limites como *literal e metafórico, convencional e novo, racional e emocional*, mas também sobram vestígios destes limites. Por isso, a presença das metáforas é tão valiosa nas (des)construções identitárias realizadas em raps nacionais da última década; daqueles que estão socialmente excluídos, mas que precisam atingir de alguma forma a parte dominante da sociedade para operarem uma mudança. Seja nova ou não a figuração é fundamental, portanto, no jogo lingüístico de quem não pode abandonar o tecido da linguagem nacional, retalhado de clichês, estereótipos, fórmulas enraizadas de conceber as coisas, mas precisa contestar a perpetuação de muitas destas concepções centralizadoras e unilaterais imbricadas na língua, cultura e sociedade.